

O ambiente complexo de relacionamento e vida – Parte 1

A evolução da sociedade ocidental – as “Grandes Transformações”

Carlos Augusto Riscado Chaves

cariscado@gmail.com – (21) 2715-1563, (21) 9617-4951

Resumo: este artigo apresenta a evolução da sociedade ocidental, sob o ângulo do desenvolvimento humano e tecnológico, partindo de um passado remoto até os dias atuais. Mostra que a evolução tecnológica propiciou a criação de um novo cenário, aonde diversos tipos de relações e trabalho entre as pessoas vão se estabelecendo. A presente realidade veio possibilitar o funcionamento de uma economia diferente dos modelos usuais, que se desenvolve baseada principalmente na utilização de bens intangíveis, como os conhecimentos e ideias, e que também conta com recursos praticamente ilimitados, pois depende predominantemente da capacidade humana para gerar estes bens, que é ampla, caso seja devidamente direcionada e aproveitada.

1. Introdução

Ao analisar a evolução da sociedade ocidental sob o ângulo do desenvolvimento humano e tecnológico, esta publicação se propõe apresentar, de modo sucinto, o seu processo de transformação e identificar alguns eventos marcantes, aos quais chamo de “Revoluções”, visando melhor entender os momentos atuais de trabalho e vida.

A ideia final é caracterizar o ambiente complexo de relacionamentos existente no trabalho em equipe, envolvendo profissionais que, em cujas tarefas, utilizam o conhecimento de modo intensivo.

Assim, este trabalho foi organizado em três seções, a saber:

1. A evolução da sociedade ocidental – as “Grandes Revoluções” (O ambiente complexo de relacionamento e vida – Parte 1);
2. A sociedade organizada em rede (O ambiente complexo de relacionamento e vida – Parte 2);
3. O homem e o seu contexto de trabalho e vida (O ambiente complexo de relacionamento e vida – Parte 2).

A primeira seção apresenta uma visão histórica e resumida, expondo alguns dos importantes momentos que ocorreram durante o processo evolutivo de nossa sociedade, ao abordar as “Grandes Revoluções”, que são aqueles episódios que

possibilitaram ao homem mudar a direção do desenrolar de sua história, ao identificar as mudanças ocorridas nas suas relações com a cultura, economia, tecnologia e modo de viver, até chegar ao atual contexto de trabalho e vida.

Os principais tópicos tratados nesta primeira seção (O ambiente complexo de relacionamento e vida – Parte 1) são:

- Revolução Agrícola e Pastoril;
- Revolução Comercial e Científica;
- Revolução Industrial;
- Revolução Tecnológica;
- Revolução Pós-Industrial.

A segunda seção aborda as características e funcionamentos, sob a ótica tecnológica e existencial do homem, de nossa sociedade organizada em rede, que utiliza infraestruturas apoiadas no desenvolvimento da tecnologia.

A rede de interesse, para a qual o estudo está voltado, possui seus componentes (indivíduos, entidades e empresas) aplicando o conhecimento em seu trabalho, por ser ele (o conhecimento) a ferramenta básica usada ao objetivar as inovações, configurando com isto um ambiente complexo de relacionamento e vida de seus participantes.

Iremos ver que os indivíduos desta rede procuram inteligentemente desenvolver um espaço propício, para que a satisfação de viver, o novo e o êxito se façam presentes nos projetos trabalhados e na existência vivida.

Com o objetivo de não ficar muito extenso este trabalho, abordei em um único tópico esta seção (O ambiente complexo de relacionamento e vida – Parte 2), a saber:

- Algumas visões de redes sociais e o desenvolvimento de seus contextos segundo Pierre Lévy, Manuel Castells e Fritjof Capra

A terceira seção (O ambiente complexo de relacionamento e vida – Parte 2) se propõe fazer uma conclusão do que foi apresentado nas seções anteriores, e reforçar a ideia de que existe um outro elemento essencial, com características específicas, que deve atuar nos ambientes para que as inovações ocorram. Não basta apenas possuir uma bem montada infraestrutura de tecnologia, de organização e aparato físico se o homem, que é este elemento central do processo de inovação, não estiver

devidamente ambientado, com relacionamentos adequados, objetivando o êxito dos seus projetos.

2. A evolução da sociedade ocidental – as “Grandes Revoluções”

“A visão de mundo dominante em cada época reflete na superestrutura da cultura as condições objetivas do mundo, com sua base material e econômica e sua ordenação política e social. Assim, ela depende em primeiro lugar das condições objetivas estruturais, econômicas e sociais.” (ROSA, 2005a).

Segue um esquema onde identifiquei, ao longo de períodos representados por uma espiral evolutiva do tempo, áreas de influência de algumas das marcantes “Revoluções” que definiram os rumos das mudanças em nossa sociedade ocidental, e, complementando, um quadro-resumo onde listo estas ditas “Revoluções”, indicando a época em que ocorreram, e alguns dos principais eventos, descobertas e transformações que as caracterizaram no campo da tecnologia, da economia e da política.

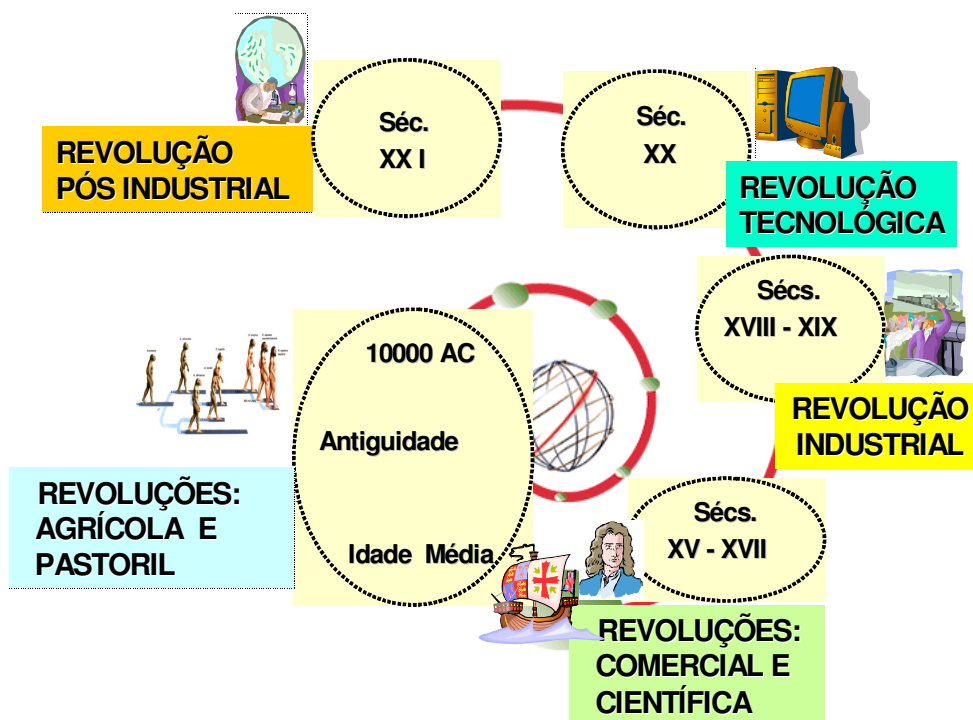


Figura 1: esquema simplificado abordando a evolução do homem na Sociedade Ocidental, localizando algumas “Grandes Revoluções”

Quadro 1 – GRANDES REVOLUÇÕES OCORRIDAS NO CONTEXTO DA SOCIEDADE OCIDENTAL

Fonte: (ROSA, 2005a) Adaptado

Revoluções	Período	Estágio Tecnológico	Economia, Política
AGRÍCOLA E PASTORIL	10000 AC Antiguidade Idade Média	Passagem da coleta e da caça p/ a agricultura e criação de animais Criação da roda, arado, metalurgia, dispositivos de observação astronômica, uso de energias eólica/hidráulica/animal. Técnicas agrícolas, tecnologia artesanal, construções em arco.	Geração de excedentes e de condições para estruturação de grupos sociais. Civilizações, civilização Greco Romana, cidadãos e escravos. Feudalismo, Igreja e feudos, senhores X servos, corporações de artesãos.
COMERCIAL E CIENTÍFICA	Séculos XV-XVII	Navegação, caravela e bússola, grandes descobrimentos, manufaturas, imprensa.	Estados nacionais, origem do capitalismo, expansão do comércio, acúmulo de capitais e sistema bancário.
INDUSTRIAL	Séculos XVIII-XIX	Utilização do carvão / petróleo como fontes de energia, máquina a vapor, motor a explosão, indústria química, uso da eletricidade.	Capitalismo Industrial, produção elevada, distribuição desigual, democracia representativa, patrões X proletários, sindicatos e greves.
TECNOLÓGICA	Século XX	Utilização da energia nuclear, automação industrial, automação de processos, alta produtividade, telecomunicações, informática, Internet.	Desemprego, caos na bolsa de NY, exclusão social, movimentos do nazismo e fascismo, guerras mundiais, capitalismo X socialismo, guerra fria, movimentos e crise do socialismo, colapso soviético, desregulamentação de setores-chaves da economia (telecomunicações, eletricidade, transporte e serviços financeiros), privatização, neoliberalismo, globalização.
PÓS-INDUSTRIAL	Século XXI	Engenharia genética, nanotecnologia, telefonia celular, rápidas inovações (produtos e processos).	Mudanças corporativas com ênfase em inovações, desverticalização, uso intensivo de informação tecnológica, crise econômica internacional, recessão mundial, grande turbulência nas bolsas mundiais de ações, marcante atuação governamental, movimentos sociais, ONG's, guerras locais, fundamentalismo, terrorismo

2.1. As “Revoluções Agrícola e Pastoral”

“Há dez mil anos, nossos ancestrais caçadores e coletores chegaram a todas as partes do mundo, exceto as mais inacessíveis. As Américas do Norte e do Sul haviam sido alcançadas pela Sibéria. A Austrália e a Nova Guiné foram povoadas após notáveis travessias marítimas e todas as regiões habitáveis da África e da Europa continentais foram ocupadas... Bandos de dez a cinquenta

peessoas moviam-se pela paisagem, sobrevivendo com a carne que podia ser caçada ou tirada de carcaças e coletando a safra selvagem sazonal de frutas, nozes e raízes...

O primeiro núcleo de domesticação que conhecemos apareceu há cerca de onze mil anos no Oriente Médio... Foi por ali que os caçadores começaram a colher e comer as sementes de gramíneas selvagens... Isso não era agricultura, apenas mais um aspecto da coleta de produtos selvagens. Inevitavelmente, algumas sementes caíram, germinaram e cresceram no ano seguinte. Foi um pequeno passo observar esta reprodução acidental e plantar deliberadamente perto dos acampamentos...” (SYKES, 2003).

Ao olhar para um horizonte de cerca de dez mil anos atrás e observar a existência do homem e as transformações ocorridas em sua sociedade, ao longo do tempo, incluindo aí as suas relações, vemos que houve uma radical mudança no seu modo de viver. Pode-se ponderar que esta mudança foi inicialmente motivada pelo controle da produção dos seus alimentos por meio da “criação e domesticação” de plantas e animais selvagens.

Um período determinante no processo evolutivo do homem foi o da passagem do nomadismo para o sedentarismo, decorrente da prática da agricultura e criação, pelos bandos de humanos. Certamente, esta mudança se realizou via lenta e contínua ação, possibilitando com o passar do tempo o surgimento de maiores aglomerados, aldeias e agrupamentos de indivíduos.

Com o desenvolvimento do sedentarismo como resultado da participação da população na produção agrícola-pastoril, e com a melhoria em sua produtividade comparada com aquele resultado que se tinha no ambiente da caça e colheita selvagem, começou a formação de excedentes de produção. Assim, foi possível alimentar uma população por meio do trabalho de uma parte dela, possibilitando, com a disponibilidade do tempo daqueles não ocupados, a criação de novas atividades, o que veio a permitir o surgimento de “profissões” tais como as de artesãos, místicos, artistas, pensadores, soldados, negociadores, entre outros.

2.2. As “Revoluções Comercial e Científica”

“A Revolução Comercial antecedeu a Revolução Científica e criou o contexto econômico e social no qual ela se deu. Houve o crescimento do comércio, as grandes navegações dos portugueses e espanhóis que abriram as rotas marítimas para a África e a Índia e descobriram a América e o Brasil. Foi a fase do mercantilismo como prelúdio do capitalismo, coadjuvado pela instituição do poder dos Reis sobre os senhores feudais, abrindo o caminho para os estados nacionais e dando escala às trocas comerciais, enquanto crescia a influência da cultura dos burgos e se ampliavam as cidades e o mercado para os negócios.” (ROSA, 2005a).

A revolução comercial foi determinante para o término de feudalismo. A partir do século XV a economia da Europa se transforma em função do movimento comercial decorrente da formação dos mercados locais e do comércio dentro do próprio continente europeu, e, também, das descobertas de novos caminhos marítimos e do Novo Mundo.

Estas transformações incrementaram a economia monetária e o comércio de especiarias com o Oriente, que era controlado até fins do século XV pelos genoveses e venezianos que, possuindo o monopólio destes produtos, cobravam altos preços pelos mesmos.

O Mar Mediterrâneo, dominado pelos italianos, era o meio de comunicação e comércio com o Oriente. Devido a este lucrativo negócio foi interessante para Portugal e Espanha buscar um novo caminho para Índias.

Além desta ocorrência, outros fatores econômicos e políticos estimularam os europeus na realização de suas navegações. Pode-se citar, entre outros, a necessidade de novas conquistas visando obtenção de produtos não encontrados na Europa, procura por metais preciosos e matérias-primas. Houve, também, participação da própria Igreja Católica, que mostrou interesse neste movimento, pois isto poderia significar a inclusão de novos fiéis e renda para o seu patrimônio. O mesmo poderia se dizer sobre a participação dos reis, pois o aumento do comércio levaria ao acréscimo da arrecadação de impostos.

Neste contexto, explicando a sua grande importância, aconteceu a Revolução Científica que veio modificar o modo corrente de se fazer ciência. Esta foi repensada, passou a se separar da filosofia, e seguiu os moldes da nova sociedade que estava surgindo. Foi redirecionada ao se libertar das influências místicas da Idade Média.

A nova linha de pensamento pregava maior atenção às necessidades humanas, ao contrário do que se fazia anteriormente, onde se dava forte importância aos assuntos ditos “divinos”.

Este novo senso crítico, este maior olhar para o externo, permitiu que fossem apreciados e estudados mais atentamente os fenômenos naturais, começando a tirá-los do âmbito da religião e estimulando a utilização da matemática para, por meio da observação de seus eventos, correlacionar suas grandezas, apresentando as relações entre eles, de modo a explicar os fenômenos pesquisados.

2.3. “Revolução Industrial”

“Segundo os historiadores, houve pelo menos duas revoluções industriais: a primeira começou pouco antes dos últimos trinta anos do século XVIII, caracterizada por novas tecnologias como a máquina a vapor, a fiadeira, o processo Cort em metalurgia e, de forma mais geral, a substituição das ferramentas manuais pelas máquinas; a segunda, aproximadamente cem anos depois, destacou-se pelo desenvolvimento da eletricidade, do motor de combustão interna, de produtos químicos com base científica, da fundição eficiente de aço e pelo início das tecnologias de comunicação, como a difusão do telégrafo e a invenção do telefone... Um conjunto de macroinvenções preparou o terreno para o surgimento de microinvenções nos campos da agropecuária, indústria e comunicações.” (CASTELLS, 2003).

Com o aumento do consumo de mercadorias, devido ao crescimento da população e aos novos mercados, e a existência do acúmulo de capitais procurando novas aplicações e lucros, alternativas foram buscadas visando atender a estas demandas. A Revolução Industrial foi um dos resultados desta busca, pois, por meio da mecanização dos processos de fabricação, foram introduzidas grandes mudanças na forma de trabalhar e produzir (o artesanato, até então aplicado, era o modo corrente

de produção). Estas mudanças tornaram mais eficientes os métodos de fabricação e, com isso, os produtos passaram a ser produzidos com mais rapidez e facilidade, com menores preços, causando assim maior estímulo para o consumo e, conseqüentemente, atendendo à procura de lucros, via aplicação do capital em novos negócios.

Com as fábricas criaram-se novas classes de trabalhadores, que foram os patrões capitalistas e os assalariados industriais, além dos já existentes profissionais pertencentes à burguesia e dos proprietários de terras com os seus trabalhadores do campo.

Apesar dos benefícios para a sociedade trazidos por esta revolução, uma série de problemas foram introduzidos pelas mudanças dela decorrentes. O êxodo rural - que acarretou um crescimento desordenado das cidades -, a poluição provocada pelas fábricas e o desemprego causado pela mecanização, ao substituir pelas máquinas o trabalho humano pesado, foram alguns dos diversos inconvenientes causados por este movimento.

2.4. “Revolução Tecnológica”

“O que caracteriza a atual Revolução Tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação de informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso.” (CASTELLS, 2003).

Esta afirmação de Castells se aplica à década de 70 do século passado, onde tiveram início rápidas transformações nos campos da tecnologia da informação e comunicação, culminando com o amplo emprego e integração dos computadores pessoais, por meio da utilização da Internet, e pela expansão no uso dos telefones celulares, após a segunda metade da década de 90, o que permitiu uma fácil comunicação e troca de informações entre as pessoas e empresas.

Este movimento realizou uma grande mudança na geração e aproveitamento dos conhecimentos humanos, tornando-os mais facilmente difundidos, e, principalmente, nas formas de utilização e intercâmbio destes conhecimentos por meio do uso das

redes, vindo com isto modificar o modo de trabalhar, fortalecendo a posição do indivíduo, como ser independente, que possui e desenvolve conhecimentos e apresenta vontade própria.

Recordando o processo evolutivo, o início dos anos 70 precipitou um grande movimento, possibilitado pelo avanço tecnológico dos computadores, que levou a automação para as empresas, seja ao longo da transformação industrial, por meio da integração com máquinas especializadas, culminado na utilização dos robôs em substituição ao homem nas atividades cíclicas e pesadas, seja no escritório, ao serem desenvolvidos sistemas de aplicações para emprego nos processos repetitivos ou de cálculo, abrangendo as áreas administrativo/financeira e técnica.

Outros fatores que influenciaram as mudanças nesta época foram a grande elevação dos preços do petróleo e a forte atuação dos movimentos sindicais nas fábricas. Este conjunto de acontecimentos gerou como resposta uma política de reestruturação das empresas, o que causou uma nova fase de desemprego, forçando um outro direcionamento profissional e social do trabalhador, que passou a ficar, cada vez mais, com aquelas atividades que não pudessem ser automatizadas.

Apesar do avanço tecnológico que aconteceu durante o referido período, e do grande aumento da produtividade decorrente das inovações implantadas terem trazido maior consumo e conforto para alguns, isto trouxe, também, uma série de inconvenientes para a sociedade, tais como: a poluição, aquecimento ambiental, desemprego - com a necessidade de criar novos tipos de segmentos de atuação para o trabalhador -, e, a exclusão social para um grande número de pessoas. Esta série de transtornos foi resultante da rapidez com que as transformações ocorreram, não tendo sido acompanhadas pelas necessárias mudanças estruturais, como adequação da educação, distribuição de renda e estímulos para novos direcionamentos, visando linhas de produção e criação de trabalho.

A economia se tornou fortemente globalizada, novos caminhos comerciais foram traçados em nosso mundo, sendo facilitados pela criação de uma grande rede financeira que influenciou na estruturação e desempenho de outras redes, trazendo consequências para os indivíduos e sociedades, que foram obrigados a buscar processos rápidos de adaptação e evolução.

2.5. “Revolução Pós-Industrial”

“A tecnologia, no fundo, iguala as empresas; as pessoas é que fazem a diferença. E a nova economia exige uma nova forma de gestão, tanto das pessoas quanto da tecnologia...”

...antes o que gerava riqueza e poder era o domínio do capital, da terra e do trabalho, hoje a realidade é outra. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), ligada à ONU, mais de 55% da riqueza mundial advém do conhecimento e dos denominados bens ou produtos intangíveis, como softwares, patentes, royalties, serviços de consultoria e bens culturais como filmes, música e entretenimento em geral (OCDE, 1999). ”
(CAVALCANTI, GOMES, PEREIRA, 2001).

No final do século XX, deu-se início a um outro grande movimento, uma outra “Revolução” na direção da geração de inovações, tanto na linha de produtos como em processos para produção e serviços.

Ao abordar e analisar este assunto CASTELLS (2003) diz: *“Na verdade, as descobertas tecnológicas ocorreram em agrupamentos, interagindo entre si num processo de retornos cada vez maiores. Sejam quais forem as condições que determinaram esses agrupamentos, a principal lição que permanece é que a inovação tecnológica não é uma ocorrência isolada. Ela reflete um determinado estágio de conhecimento; um ambiente institucional e industrial específico; uma certa disponibilidade de talentos para definir um problema técnico e resolvê-lo...”*.

Complementando o que foi abordado por CASTELLS (2003), em relação às transformações nos ambientes de atuação e nos modos de ser e de trabalhar, DRUCKER et al. (1998) expõe: *“...O centro de gravidade do emprego desloca-se rapidamente de trabalhadores manuais e pessoal de escritório para trabalhadores do conhecimento, que resistem ao modelo do comando e controle copiado das organizações militares de 100 anos atrás.”*. Em DRUCKER et al. (1998), Dorothy Leonard e Susaan Straus ao tratar o tema “Aproveitando Todo o Cérebro da Empresa”, se referem à necessidade e importância de se atentar ao trabalho e relações dos indivíduos em equipe, como fonte geradora de inovações: *“... as inovações ocorrem com o entrelaçamento de diferentes ideias, percepções e formas de processamento e avaliação de informações. Isso, por sua vez, geralmente exige a colaboração entre numerosos participantes que vêem o mundo por perspectivas*

intrinsecamente diversas. Em consequência, o conflito que deveria desenvolver-se no plano de ideias, de maneira construtiva, muitas vezes acaba eclodindo entre pessoas, que naturalmente não se compreendem umas com as outras, de maneira produtiva. As disputas se tornam pessoais, provocando a ruptura do processo criativo.”

Esta nova “Revolução”, ao se dirigir para a rápida geração e aplicação de inovações, é focada não só na tecnologia da informação e comunicação, até então existente, e para o modo de trabalhar e gerenciar os empreendimentos, mas, também, para o centro deste novo processo, que é o indivíduo. O homem, como o responsável trabalhador e gerador dos conhecimentos, cada vez mais necessita, para inovar, libertar-se das influências e ideias pré-concebidas e aprender a se conhecer e se relacionar, visando à cooperação construtiva e não a competição, onde se apresenta o conflito normalmente destrutivo.

SVEIBY(1998) pergunta: *“O que a Microsoft tem que a faz valer dez vezes mais do que o valor de seus ativos registrados? Qual a natureza desse valor adicional percebido pelo mercado, mas não registrado pela empresa? Ou melhor, para generalizar a pergunta, por que algumas empresas possuem relações entre valor de mercado e valor contábil mais altas que outras? ... Por que a Microsoft é tão lucrativa e cresceu com tanta rapidez? Qual é o motivo misterioso e altamente produtivo que a Microsoft possui e que falta à Ford Motor Company e à Bethlehem Steel, cujas ações são negociadas próximo aos seus valores contábeis?”*. SVEIBY(1998) continua, e responde, em sua explanação, mais à frente: *“... esses ativos invisíveis (porque não são contabilizados), intangíveis (por não se tratar de tijolo, cimento, nem dinheiro; ou seja, não são concretos, palpáveis), não precisam ser nenhum mistério. Todos têm origem no pessoal de uma organização... As pessoas são os únicos verdadeiros agentes na empresa.”*

Para reforçar esta percepção de Sveiby ninguém melhor do que Bill Gates, ao reafirmar esta posição. Esta resposta, aos questionamentos feitos por Sveiby, foi relatada por Bill Gates à revista Time, em janeiro de 1977, segundo EDVINSSON, MALONE (1998), onde narra: *“Nós triunfamos porque contratamos as pessoas mais inteligentes. Aperfeiçoamos os nossos produtos a partir de dados de mercado até que eles se tornem os melhores. Fazemos um retiro anual para conjecturarmos para onde o mundo caminha.”* Em outras palavras, Gates trabalha continuamente para aumentar o capital intelectual da Microsoft.”

As “Revoluções” anteriores se desenvolveram a partir de novas fontes de energia ou de inventos, de um modo geral, que melhorava a produtividade por meio da substituição e deslocamento do homem para outros setores, ou pela replicação das novas unidades de produção. A “Revolução Pós-Industrial” se direciona para a rapidez na geração e aplicação das ditas inovações, e tem como centro o homem, gerador dos conhecimentos e destas inovações.

MORIN (2002) relata que: *“A revolução mental de maior importância começa quando certos indivíduos deixam de se submeter às ordens, mitos e crenças que emanam do Grande Computador e tornam-se sujeitos do conhecimento: o espírito individual permite-se considerar, refletir e pensar os problemas políticos, sociais, religiosos, filosóficos aos quais não tinham acesso.”* Ou seja, o indivíduo, não mais o grupo, passa a ser fortalecido como elemento pensante e atuante.

A figura do homem massa, típico da sociedade de consumo clássica, que se desenvolveu nos países do primeiro mundo, após a segunda guerra mundial no século passado, onde os poucos que pensam são os que decidem pelos muitos que não tem opinião própria, passa a começar dar a vez para o homem indivíduo que questiona, cria e critica o ambiente em que vive.

Esta transformação está se fazendo possível devido a toda uma estrutura tecnológica que se formou nas últimas décadas do século XX, desenvolvida e ligada à informática e à comunicação, que resultou em forte redução de empregos na indústria produtora de bens tangíveis, e provocou um outro direcionamento no modo de trabalhar e viver visando à geração rápida de inovações.

Para que ocorra esta nova “Revolução”, estão sendo arquitetados novos processos que acontecem por meio dos fluxos e trocas de capital, informação e comunicação entre as pessoas e as comunidades, vindo a gerar e produzir grandes mudanças na sociedade e, conseqüentemente, nos seres que nela vivem.

A sociedade está caminhando para uma separação entre os que “estão ligados” e os que “estão desligados” destas transformações. CASTELLS (2003) aborda e analisa com bastante precisão esta “nova ordem social”, porém com uma visão econômica de mais curto prazo – por isso, talvez, mais pessimista –, onde aponta que este caminho poderá levar a existência de um mundo desequilibrado e explosivo, se nada for feito visando à criação de novas realidades.

RUSSEL (2002), originalmente publicado na Grã-Bretanha em 1935, referindo-se ao ambiente de sobrevivência existente para os trabalhadores, naquela ocasião, já nos brinda com vários alertas e provocações, como por exemplo: *“A moral do trabalho é uma moral de escravos, e o mundo moderno não precisa de escravidão... assegura-se a crença de que o inevitável lazer causará a miséria por toda a parte, em vez de ser uma fonte universal de felicidade... Eu acho que se trabalha demais no mundo de hoje, que a crença nas virtudes do trabalho produz males sem conta e que nos modernos países industriais é preciso lutar por algo totalmente diferente do que sempre se apregooou... Quero dizer, com toda a seriedade, que muitos malefícios estão sendo causados no mundo moderno pela crença no caráter virtuoso do trabalho, e que o caminho da felicidade e da prosperidade é a sua redução organizada...”*

Evidentemente que Russel se referia a determinadas modalidades de trabalho, existentes e dominantes naquela época, porém as suas observações são extremamente atuais, ao se referir a uma grande parte dos tipos de trabalhos atualmente praticados.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, M., 2003, *A Sociedade em Rede*. 7 ed. São Paulo, Editora Paz e Terra S/A.

CAVALCANTI, M., GOMES, E., PEREIRA, A., 2001, *Gestão de Empresas na Sociedade do Conhecimento*. 9 ed. Rio de Janeiro, Editora Campus.

CHAVES, C. A. R., 2009, *Trabalhando e Inovando em Ambientes Complexos*, Tese de D.Sc., COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

DRUCKER, P.F., NONAKA, I., GARVIN, D.A. *et al.*, 1998, *Gestão do Conhecimento - Harvard Business Review*. 6 ed. Rio de Janeiro, Editora Campus.

EDVINSSON, L., MALONE, M., 1998, *Capital Intelectual*. 1 ed. São Paulo, Makron Books.

MORIN, E., 2002, *O Método 4. As ideias*. 3 ed. Porto Alegre, Editora Sulina.

ROSA, L. P., 2005a, V.1, *Tecnociências e humanidades: novos paradigmas, velhas questões - O determinismo newtoniano na visão de mundo moderna*. 1 ed. São Paulo, Editora Paz e Terra S/A.

RUSSEL, B., 2002, *O Elogio ao Ócio*. 4 ed. Rio de Janeiro, Editora Sextante.

SYKES, B., 2003, *As Sete Filhas de Eva – a ciência que revela nossa herança genética*. 1 ed. Rio de Janeiro, Editora Record.

SVEIBY, K. E., 1998, *A Nova Riqueza das Organizações*. 7 ed. Rio de Janeiro, Editora Campus.